



# A Illustração Portuguesa

## SEMANARIO

### REVISTA LITTERARIA E ARTISTICA

COLLABORADORES—Alberto Pimentel; Bulhão Pato; C. Castello Branco; C. Dantas; C. Bellem; E. de Barros Lobo (*Beldemónio*); Eça de Almeida; Eugenio de Castro; E. Schwalbach; F. Caldeira; F. Palha Gervasio Lobato; D. G. Torrezão; Gallis (A.); Joaquim Lima; J. C. Machado; L. A. Palmeirim; Marcellino Mesquita; Pinheiro Chagas; Sergio de Castro; Silva Pinto; Thomas Ribeiro; Visconde de Monsaraz; Visconde de Benalcanfor, etc

## SUMMARIO

TEXTO:—*Chronica*, por Joaquim Lima;—*Scenas am rosas*, conto, trad. de D. Guiomar Torrezão;—*De profundis*, versos, por Alberto Olorio de Castro; *As instrucções dos ministros francezes em Portugal*, (continuação), por Pinheiro Chagas;—*A Serpente*, conto, por Eduardo Sequeira;—*Camillo Castello Branco*, (continuação), por Alberto Pimentel;—*As nossas gravuras*;—*Em familia (Passatempos)*;—*A rir*;—*Um conselho por semana*;—*O palacio da D. Helena*, conto, por José Maria da Costa.

GRAVURAS:—*Luiz Mazzantini*;—*O cemiterio da Transfiguração, perto de Moscow*;—*As obras do porto de Lisboa (Os iniciadores, o director e o empreiteiro)*;—*Modas*;—*Villa Viçosa*.

## CHRONICA

De como lá por cima a litteratura nacional vae longe, teve o monarcha ensejo de se inteirar, apreciando as trovas que respeitadamente lhe foram dedicadas pelos menestreis do Norte, alguns dos quaes, modestamente disfarçados em professores d'instrucção primaria, manifestaram nas suas composições não menos inspiração do que vontade de comer. El-Rei, que é litterato, dá sem duvida por bem empregado o tempo que dispendeu na viagem, e, talvez, impressionado pela que viu e ouviu, esteja pensando agora no estabelecimento de uma sôpa economica para homens de letras.

Os trovadores do Minho, cujas poe-



LUIZ MAZZANTINI



sias occultavam traiçoeiramente outros tantos memoriaes, mal a familia real lhes voltou costas, metteram todos a viola no sacco. E de maneira que as musas podem ficar socegadas.

El-Rei quer socegar tambem, e interna-se por tanto no seu palacio d'Ajuda, onde, a coberto dos enthusiasmos populares, procura desenrolar o veio do esquecimento sobre o cataclysmo de foguetes e discursos em meio do qual o ministerio progressista, de caso pensado, lhe poz a paciencia em prova.

Vem de suissas, o monarcha. Dir-se-hia que pretende disfarçar-se, como temendo que lhe vamos pedir contas da fraqueza com que deixou impune a caterva de massadores que o perseguiu. Pois, meu senhor, queira Vossa Magestade acreditar que, por muito ciumentos que sejâmos, não levaremos a mal a benevolencia com que foram tratados os administradores, os curas, os poetas, e toda a qualidade, emfim, de monstro sertanejo. Nós sabemos que a oratoria, quando refreada, chega a attingir cá dentro uma tensã, acima da qual, se se não falla, rebenta-se. Vossa Magestade evitou as explosões, deixando-se dormir na bochecha das auctoridades. Somos de parecer que El-Rei fez bem, e que pode, por consequencia, deitar abaixo as suissas.

Mal, porém, o monarcha se dispunha a convalescer da estopada de que, mercê de Deus, tinha escapado, cae-lhe de novo em casa o ministerio, e arrasta-o até Alcantara, ondeurgia inaugurar os melhoramentos do porto de Lisboa. D'esta vez, tratava-se incontestavelmente de uma cousa util, e era de boa escolha o anniversario real para se dar começo á obra que tão deveras interessa todos os subditos do rei. E El-Rei abi vae, alegremente, para o local designado. Alegremente! Sobre a cabeça do monarcha pairava, entanto, de uma maneira sinistra, a perspectiva hedionda de mais uns tantos discursos!

Até aqui, Portugal, velho leão dormente, tambem ás vezes despertava; mas recebendo, esgazeado, sobre os olhos, a luz intensa do progresso, virava se para o outro lado, e muito boas noites.

Agora, Portugal está outro. Quer porto de Leixões, quer porto de Lisboa, quer tunnel no Rocio, quer linha marginal, quer tudo!

Ficam-lhe bem estes sentimentos, mas o que é certo é que nem todos lucram do mesmo modo com as futuras perfeições d'este jardim da Europa.

Ha em Gibalta uma cabana, construida ha cerca de cincoenta annos por uma pobre mulher que ali firmou a sua residencia, e que ali tem vivido muito em contacto com o Tejo, em face do qual os cabellos lhe branquearam e os dias lhe correram relativamente alegres.

A cabana jaz sobre a rocha que impende para o rio, e é accessivel por intermedio de uma pequena escada, que a excentrica mulher mil vezes tem subido, após as excursões em que procura, pela praia adeante, despojos que ali vêm bater, lenha, cortiça, garrafas, miserias vindas de longe, que ella, coitada, recolhe como soccorros de Deus.

Ali casou, ali deu principio a uma descendencia que vae hoje em quarenta netos, e ali conserva ainda o pobre esposo entrevado que, ha largos annos já, perdeu inteiramente a esperanza, e só nos braços da morte um dia sahirá d'ali.

Pois bem. Vem perto o epilogo d'esse pequeno romance, que só as ondas teem lido, e no qual os homens sómente agora reparam, para lançal-o no oceano.

A linha marginal lança por terra a cabana.

Profundamente alheios a tão pequenas coisas, recolhem precipitadamente á capital os ultimos banhistas

refractarios, attrahidos emfim, não propriamente pelas seducções lisboetas, mas pelo desejo patriotico de arremessar mais umas palmas sobre o triumpho dos Andrades.

Ou entre nós não haveria já um portuguez leal. Se lá por fóra, dois filhos da nossa terra andavam recolhendo louros, estranha coisa seria que Portugal, podendo, se não incorporasse tambem na apotheose com que, de rest, lucra tambem alguma coisa. Estou convencido de que nos paizes onde ha theatro lyrico começam agora a nascer desconfianças de que nem toda a peninsula iberica é hespanhola.

Antonio Andrade appareceu-nos pela primeira vez sob a vestimenta respeitavel do dr. Fausto. Todo cercado de tubos e retortas, parecia mesmo um grande chimico, parecia quasi o dr. Agostinho Vicente Lourenço, que, aliás, ninguem sabe em que ponto do estrangeiro existe, facto a que eu devo o ter sido approvado com onze valores em analyse mineral, de certo contra todos os desejos do illustre sabio, que não dá nada por mim n'aquelle ramo de conhecimentos. E, diga-se a verdade, eu não sei bem se na pratica darão seguros resultados os recursos de que, no acto, maravilhosamente me servi, e que se resumiam todos em aquecer moderadamente as soluções e em agital as, de quando em quando, com uma vareta de vidro. Onze valores.

Ninguem, comtudo, acreditou na vocação do Andrade para a chimica. Estavam todos prevendo o que afinal aconteceu. Bastaram duas patranhas de Mephistofeles para que o dr. Fausto deste ao diabo a sciencia, lançando-se despreoccupadamente no caminho da extravagancia.

Pois, senhor diabo, somos-lhe muito agradecidos pela transformação. Antonio Andrade apresentou-se-nos desde logo na sua dupla feição de rapaz sympathico, que já conheciamos, e de cantor distincto, cuja apreciação está feita na ovação enorme com que o saudaram. Damos por muito bem empregado o amor de Margarida, que, pelo seu lado, coitadinha, não justificou profundamente a predilecção que Fausto fingiu ter por ella.

E entretanto, dava ás de villa Diogo o prior da Magdalena. Não porque o seu procedimento se tivesse afustado muito sensivelmente dos preceitos catholicos romanos, mas porque, andando o patriarcha em maré de maus humores, nada mais natural do que sentir-se o prior ameaçado com uma bulla d'excommunhão capaz de lhe rachar a marmitta dos pensamentos.

E a maior culpa, afinal, não foi do padre, que simplesmente escorregou na contingencia humana. Bem mais culpado foi quem, tendo a perder com isso, o empurrou, fazendo-o cahir de um modo que produziu estrondo, e que chamou portanto as nossas atterções sobre o local do sinistro.

Evidentemente na peninsula ha uma paixão sincera pelas touradas. Quem tenha o sangue frio necessario para quadrar-se com arte na cabeça das razes, está perfeitamente habilitado a caminhar na vida.

Senão, veja-se que vertiginosa celebridade a do Mazantini: Onde ha ahi um touro que se não deixe cahir da melhor vontade aos pés do elegante *diestro*?

E note-se que a Hespanha, enviando-nos a flôr dos seus toureiros, não legra amesquinhar-nos, porque tambem de quando em quando o arrojado Tinoco apparece nas arenas hespanholas, picando, á portugueza, bichos desmolados.

E' o que vae agora succeder. Tinoco, n'este momento, está além da fronteira, de modo que, se por ahi houver algum escandalo, valha-nos Luiz do Rego, que é tambem um picador magnifico.



## SCENAS AMOROSAS

## A doce amargura

(CATULLE MENDES)

Havia quatro annos que ella partira; julgavam a morta. E elle, ficara só e não cessara de pensar na ausente

Em vão outras mulheres lhe haviam prodigalizado sorrisos e lagrimas; nada podia distrair o seu coração, possuido pela tyrannia das recordações.

Era tão formosa, a querida invisivel! Tinham sido tão inebriantes os seus gosos d'outr'ora, os seus extasis d'amantes fieis e inseparaveis!

Ah! as doces e extinctas alegrias, que nunca mais poderiam renovar-se!

Moroso, amargo, o labio crispado, os olhos vermelhos das lagrimas nocturnas, elle caminhava atravez da vida como alguém que não experimenta o menor interesse pelas cousas ou pelas pessoas.

Deixara mesmo de acreditar na felicidade dos outros, desde que a sua ventura terminara.

Os raros amigos que recebia na casa onde ella viera tantas vezes, e onde nunca mais voltaria, surprehendiam-o, curvado para uma gaveta aberta, beijando, soluçante, cartas, um retrato, violetas seccas, todas as reliquias, tão cruelmente preciosas, d'esse amor, para sempre morto.

Sentia-se que nenhum homem na terra soffria tanto como elle, que esse desespero era irremediavel.

Ah! o pobre coração viuvo, que pungentes angustias o dilaceravam!

Mas um dia, de subito, soube que a joven mulher não morrera.

Ja regressar a Paris, ia reaparecer, elle tornal-a-hia a ver.

Cheio de jubilo, um amigo trouxe a noticia ao amante inconsolavel; e este julgou desfallecer, em um extasis, escutando o bom mensageiro.

Não achava palavras, baluciava, gaguejava, tinha nos olhos o fulgor do paraizo reencontrado.

Pouco a pouco, porém, entristeceu, scismando não se sabia em que.

Acariciava com um olhar melancolico, na gaveta aberta, as violetas, o retrato, as cartas.

No quarto, onde passara tantas horas de angustiosos tormentos, emmudecera, não respondendo ás perguntas que lhe dirigiam.

E por ultimo, lentamente, com a cabeça nas mãos, disse:

«Creio... sim, creio que preferiria continuar a choral-a.»

## O unico nome

Marion perguntou-lhe, com o seu bello riso vermelho:

—Se eu não me chamasse Marion, que nome gostaria que eu tivesse, que nome me daria, meu senhor?

Elle respondeu:

—Só um te convirá: o teu, visto que pelo facto de ser teu, não ha nenhum que se lhe compare.

—Deixemo-nos de madrigaes. Fallo serio. Faça de conta que não sabe como me chamo. Que meios empregaria o sr. para inventar um nome que fosse digno de mim, e que agradasse ao seu coração?

—Eis o que eu faria, disse elle. A cada uma das palavras que designam as seis cousas mais bonitas d'este mundo, pediria emprestada uma letra, e com essas letras juntas formaria o teu nome, meu amor!

—E quais são as seis cousas mais bonitas d'este mundo?

—Conta pelos dedos, queridinha. O mar!

—Porque?

—Porque é mysterioso e deliciosamente perfido como o teu olhar!

—E depois?

—A aurora!

—Porque?

—Porque é rosada e humida como o sorriso dos teus amant'es labios.

—Depois?

—A rosa!

—Porque?

—Porque é o retrato da tua bôcca.

—Depois?

—O mez de abril!

—Porque?

—Porque é quasi tão perfumado como a transparente cambráia que envolve os teus hombros de jaspe e os teus pés pequeninos como dois botões de lyrio.

—Depois?

—O passarinho.

—Porque?

—Porque diligencia imitar, no seu pipilar gemebundo, ou nos seus gorgeios, a doçura alternadamente melancolica e alegre, da tua voz melodiosissima.

—Depois?

—A neve!

—Porque?

—Porque é branca como os teus braços serpentinos e o teu collo deslumbrante.

—Lisongeiro! Mas vamos ao que importa, Que letras escolheria n'essas palavras?

—Tiraria o M, do mar, o A, da aurora, o R, da rosa, o I, do abril, o O, do passarinho, o N, da neve.

Ella desatou a rir, perfumando o ambiente com o subtil aroma da sua bôcca.

—Mas, senhor adulator, se não me engano...

—Não te enganas, não! O teu nome, já o disse, é o unico, meu amor, que é digno de ti; e se não quizeres acreditar-me, interroga as tuas madrinhas e padrinhos: o mar, a aurora, abril, as aves e as neves!

GUIOMAR TORREZÃO.

## DE PROFUNDIS

## A Mario Pinheiro Chagas

Quasi a dormir seguia vagamente  
As espiras azues do meu charuto,  
Quando me ergui, nervoso, de repente,  
Ouvido ao longe uma canção dolente,  
Um rythmo vago e tragico de lucto.

Debruço-me á varanda hallucinado  
Para ver se na rua acaso passa  
Algum lugubre enterro... O povoado,  
N'um silencio solemne, entrecortado,  
Dorme da lua á claridade baça.

Pura nevrose, penso, irresoluto...  
Oíço porém mais perto as litanias,  
Sobe-me a escada a gellidez do lucto...  
E' dentro em mim, é dentro em mim que escuto  
O funeral das minhas Alegrias.

Mangualde, 1887

ALBERTO OSÓRIO DE CASTRO.

## As instrucções dos ministros francezes em Portugal

II

Lendo-se o prefacio do sr. de Caix de Saint-Aymour e sobretudo o artigo do sr. Alfredo Rambaud, que appareceu na *Revista Azul*, pasma-se da ignorancia que os escriptores francezes continuam a manifestar a nosso respeito e da frivolidade com que persistem em tratar todos os assumptos, em os estudarem ao menos perfunctoriamente. Pois o sr. Alfredo Rambaud, o auctos da *Historia da civilisação franceza*, o author de tantos escriptor importantes acerca da Russia, é um escriptor de sciencia e de consciencia, mas em todo o caso entendeu que não valia a pena incommodar-se com este pequeno paiz, estudal-o para lhe fazer justiça. Contentou-se com um certo numero de phrases feitas, que formam a opinião franceza acerca de Portugal.

Quando falla da nossa participação na guerra da successão, diz que «tomámos partido contra a Hespanha e contra a França, transportando para esta todo o odio que tinham, votado à primeira.»

Onde é que se sente esse odio à França? Separa-nos a guerra por alguns annos, mas os nossos fidalgos casavam em França, e em questões de gosto, de moda e de elegancia era ainda a França que dava o tom em Portugal. D. João V tinha a mania de imitar Luiz XIV, e Pedro II que não amou senão francezas em toda a sua vida, primeiro sua cunhada e sua mulher, depois a sua amante, Armada du Verger, não podia ter realmente um grande odio à patria dos seus amores.

«Na peninsula, continua o sr. Alfredo Rambaud, foram allia-dos ardentes dos Inglezes e do archiduque Carlos.»

Seria melhor que tivéssemos ficado neutraes, mas, a entrar na lucta evid ntement-, seria absurdo que sustentássemos a causa da dynastia Bourbon, que supprimia os Pyreneus, e nos tirava a esperança da alliança franceza em qualquer lucta nova com a Hespanha.

«Alguns dos nosos golpes mais terriveis caíram sobre elles,



foram elles sobretudo que o marechal de Berwick teve de esmagar na batalha de Almanza.»

Já dissemos que seria bom que o sr. Alfredo Rambaud não supprimissemos na sua narrativa a primeira parte da guerra da Successão. Esta guerra não principia nem na batalha de Almanza, nem na batalha de Denain. Antes d'essas victorias que salvaram Luiz XIV, soffreu o grande rei as terriveis amarguras, e se foi sobre nós que desabaram alguns dos seus golpes mais terribes, tambem foi de nós que recebeu algumas das suas feridas mais cruéis. Basta lembrarmos ao historiador francez que Almanza fica no oriente da Hespanha, e que Portugal fica no occidente. Para irmos ser batidos em Almanza, era inevitavel que tivéssemos atravessado a Hespanha toda. Fôra pois o que fizemos, e o marechal de Berwick não fizera senão recuar diante do exercito do marquez das Minas, passando pela humilhação de ver cair nas mãos dos Portuguezes a capital de Philippe V. Madrid teve de abrir as suas portas ao general de D. Pedro II, que convidou o archiduque Carlos a vir fazer a sua coroação em Madrid.

Mudou depois a sorte das armas, e o marechal de Berwick recuperou n'um dia feliz o que perdera n'um anno, mas parece-nos que era justo e digno que o distincto escriptor francez não esquecesse factos tão importantes para se ir lembrar das nossas derrotas, escurecendo os nossos triumphos. Tão superficialmente conhece o sr. Alfredo Rambaud o nosso paiz que nem sequer acerta em designações rudimentares. Falla no tratado de Methuen, e mostra as desvantagens que d'elle para nós resultavam. «Mas diz o sr. Alfredo Rambaud, nem todo o ouro do Brazil, nem todo o vinho dos Algarves chegavam para pagar as mercaderias de qualidade mediocre, com que a Grã Bretanha inundou o seu territorio.»

O vinho dos Algarves! como o sr. Alfredo Rambaud conhece bem a geographia agricola de Portugal e as nossas localizações oenologicas! como não é natural que o sr. Alfredo Rambaud ignore que o grande vinho portuguez é o vinho do Porto, suppoz naturalmente que o Porto era uma cidade do Algarve.

O artigo do sr. Rambaud, a que nos referimos, não chega a ter duas paginas; pois não ha um só periodo em que se não encontre um erro de facto ou um erro de observação.» Em 1713, diz o sr. Rambaud, os inglezes tinham recebido como deposito Tanger, que devia reverter para Portugal.» Já se vê que o sr. Alfredo Rambaud não sabe que Tanger fez parte do dote que a infanta D. Catharina recebeu quando desposou Carlos II, rei de Inglaterra em 1662.

Não digo que o facto seja extraordinariamente importante e que seja um grande ignorante o sr. Alfredo Rambaud por não o conhecer. Mas emfim, quando se trata de um assumpto qualquer, a primeira obrigação de um historiador consciencioso é estudal-o. O sr. Alfredo Rambaud podia dispensar-se perfeitamente de fallar de Portugal, mas, desde o momento que nos faz essa honra, devia, parece-nos, fallar com conhecimento de causa.

O profundo desdem com que o sr. Alfredo Rambaud nos trata em tudo transparece. Chega a ponto de lhe escurecer a perspicacia de historiador. Por exemplo: O seculo XVIII em toda a Europa é o seculo da etiqueta, das pequeninas questões diplomaticas. Pois quem ler o artigo do sr. Rambaud fica imaginando que essas puerilidades eram um privilegio de Portugal, que fazia rir a Europa inteira, occupando-se d'essas mesquinhas questões.

«Com a sua impotencia politica (*de Portugal*) crescia o formalismo da sua diplomacia. Por uma questão de forma, a saber quem é que devia fazer a primeira visita, se era o embaixador francez se o primeiro ministro portuguez, estiveram quasi interrompidas as relações entre os dois paizes durante muitos annos, e foi o rei de França que teve de ceder.»

A bonhomia d'esta ultima phrase é impagavel. Está a gente a ver o rei de França a encolher os hombros desdenhosamente ao ver que o rei de Portugal se occupa com semelhantes futilidades, e a dar ordem, sorrindo, ao seu embaixador que não insista. Mas basta lermos as *Memorias* de Saint-Simon para vermos que essas questões de etiqueta tinham então em França a mais alta importancia, a ponto que um espirito de primeira ordem como o duque de Saint-Simon não teve em toda a sua vida outra preocupação maior que não fosse a das precedencias. Tambem a França esteve para romper as suas relações diplomaticas com outros paizes por meras questiunculas de etiqueta.

Pois então quando essas questões tem em toda a Europa uma importancia suprema, é justo que só a Portugal se lance em rosto occupar-se d'essas ninharias, quando a questão de precedencias entre o embaixador francez e o embaixador allemão em Roma dava origem a scenas violentissimas e offensivas á Santa Sé, e pode-se estranhar que o governo portuguez mantivesse energicamente as suas prerogativas e os seus direitos? Mas, se o governo portuguez cedesse n'essa occasião, passaria aos olhos da Europa por um governo destituido absolutamente de energia, e que se resignava ao papel humilhante que o embaixador francez muito de proposito lhe queria fazer representar.

Estas disposições do sr. Alfredo Rambaud chegam a pôr no seu artigo notas de um comico inexcedivel. Querem ver como elle classifica o rei D. José: «E' ignorante como um sachristão, mandrião como um lazzarone, manchando com as suas devassidões as mais nobres familias.»

Horror! abi está uma coisa que no seculo XVIII só em Portugal se viu—um monarcha tendo por amantes as fidalgas da sua cõrte! Felizmente, n'esse tempo quem reinava em França era Luiz XV, celebre pela sua castidade. Esse virtuoso rei não foi amante nem da duqueza de Châteauroux, nem de nenhuma outra fidalga da sua cõrte. Não foi elle quem fez do seu leito de devasso o throno d'onde emanavam os decretos. Ao menos, el-rei D. José, se era amante da marquezinha de Tavora, o que alias é puramente conjectural, procurava-a de noite a occultas, enquanto Luiz XV ostentava, sem hesitação, os seus amores, estabelecendo as suas amantes no Paço, impondo-as a sua mulher, transformando o Paço em harem official, onde nem sequer ao menos a sultana favorita era a mulher legitima. D. José podia ter amantes, mas quem governava o reino era o marquez de Pombal. Luiz XV podia ter ministros, mas quem governava o paiz era a Pompadour.

Continuando a analysar a politica portugueza no seculo XVIII, debaixo de um ponto de vista extremamente revoltante, o sr. Rambaud estranha que Portugal, durante a guerra dos Sete Annos, não tivesse podido ser levado a não se alliar com os Inglezes. E' infeliz o sr. Rambaud, não censura as nossas alianças, senão no momento em que ellas são perfeitamente justas e accetaveis. Pois queria o sr. Rambaud que Portugal se fosse ligar com a França e com a Hespanha reunidas? Não, de certo; por motivos identicos aos que determinarem a sua attitude na guerra da Successão, devia Portugal na guerra dos Sete Annos oppôr-se a tudo o que o arrastasse no sulco d'essas duas grandes naus suas vizinhas, e o escudo era n'essa occasião, como em muitas semelhantes o foi, a Inglaterra.

Termina o sr. Rambaud citando o trecho final do prefacio do sr. de Caix de Saint-Aymour.

Esse trecho é o seguinte:

«Depois de 1789, emquanto a Europa inteira, debaixo do impulso francez, entrava a plenas velas na corrente das idéas modernas, Portugal como que timbrou em lhes oppôr a inercia e o desdem. Foi necessario que viesse a guerra civil, que viesse a guerra estrangeira, que viessem novas revoluções, para o levar ao que é hoje—uma das monarchias mais constitucionaes de que se honra a Europa contemporanea.»

Que o sr. de Caix de Saint-Aymour escrevesse isto, e que o sr. Alfredo Rambaud o citasse com applauso, chega a parecer cassoada. Pois então a Europa, levada pelo impulso da França, entrou a plenas velas na corrente das idéas modernas? E' novo para nós julgavamos que a Europa toda reagira energicamente contra ellas, que a propaganda revolucionaria se fôra infiltrando lentamente em todos os paizes, tanto em Portugal como nos outros.

Suppunhamos ainda que a primeira vez que essas idéas tinham podido manifestar-se á luz do dia fóra da França tinha sido em 1820, e que exactamente os paizes onde a revolução, explosindo subitamente, revelára o caminho que tinham feito as idéas modernas no seu seio, tinham sido a Italia, a Hespanha e Portugal. Então como é que Portugal timbrou em oppôr ás idéas modernas a inercia e o desdem? O governo portuguez, de certo, a ellas se oppoz, mas não com mais energia que os governos de todos os outros paizes. E' necessario desconhecer absolutamente não só a historia portugueza, mas a historia do seculo XIX, para terminar um estudo historico ácerca de Portugal com esse periodo—digamos a palavra—perfeitamente inepto.

PINHEIRO CHAGAS.

## A SERPENTE

I

Segundo as ideias que a respeito de cemiterio formam, é elle lugar de profunda repugnancia para uns, de suave melancolia ou tristeza profunda para outros, mas nunca de gozo despreoccupado para ninguem, por isso que nos dominios da morte, o mais alegre, o mais insensivel sente um constrangimento, um mal estar, um não sei qué, que lhe rouba o contentamento e lhe dissipa todas as alegres visões mundanas.

Discorda-se tambem muito, no modo como deve ser tratado e ornamentado um cemiterio.

Estes, querem-n'o qual viridente jardim, onde o perfume das violotas e das rosas dissipe a tristeza que se apodera do menos crente ao tranpôr-lhe o limiar; aquelles, triste, cheio de esguios cyprestes, melancolicos chorões, e morada de bandos de importunos pardaes, pardos mochos e uteis corujas. Eu sou dos primeiros, sem comtudo desejar que quem visite o jardim dos mortos vá unicamente levado pela tentação de contemplar uma rosa rara ou um rainunculo de preço.

Sou dos primeiros, por isso que se nós, os vivos, nós que por toda a parte temos distracções e gosos, que somos emballados pelos sorrisos do bello azul do céu, e pelo sereno e morno luar





O CEMITERIO DA TRANSFIGURAÇÃO, PERTO DE MOSCOW



do : olhos d'uma mulher amada, não deixamos contudo de adorar as flôres, de nos enlevarmos na contemplação da sua belleza, e de sentirmos mil deleites com os seus enervantes perfumes, quanto mais as não devem estimar os mortos para quem ellas são uma saudade, uma prova de que não foram esquecidos pelos parentes e amigos que n'este mundo ficaram? Mas por Deus, oh profanos, não corteis uma flôr do cemiterio para lhe dar a ephemera vida da lapella.

Lembrae-vos de que, n'esse arbusto que se eleva altaneiro, está uma parte da vossa filha estremecida, da esposa adorada, ou dos carinhos paes, e que, mutilando-o, mutilaes tambem o ser que tanto vos encantou na vida...

Deixae ao menos a alegria das bellas flôres aquellas que, sob o pesado manto da terra, sentem dia a dia o corpo entrar no maravilhoso circulo das eternas transformações, e que na variada forma do insecto vão, no calix das flôres, inebriar-se de aromas e de nectar, saudando alegremente a natureza que por toda a eternidade nos dá o amor e a vida...

Nas visitas ao cemiterio levae sempre flor s. muitas flores, para enfeitar as campas queridas, e ás quaes os seres que lá repousam poderão vir confiar as suas aspirações e saudades sem lhe entregar uma parte do seu organismo.

E assim como guardaes cuidadosamente a florinha que p r espaço de algumas horas ornou o peito de qualquer beldade, e que adquiriste com tanto custo, com mais razão ainda, conservae e estimaes as flores que terão o mago condão de nos recordar e avivar a imagem d'aquelles com quem estiveram em contacto...

## II

Ha mezes, por uma soturna tarde de dezembro, uma d'essas tardes em que a atmospherá é toda tempestades, atravessava eu, em companhia de um amigo, d'um quasi irmão, a rua principal do cemiterio do Prado do Repouso. Iamos, levados pela saudade, depositar um ramo de flores na campa onde repouzava de pouco um amigo estremecido, um santo e bello rapaz a quem queriamos devôras, e que tão cedo se separara d'este mundo, deixando-nos no coração um vacuo immenso e uma saudade verdadeira e profunda.

Embebidos nos melancolicos pensamentos que o aspecto do cemiterio despertava em nós, caminhavamos silenciosos, com os olhos perdidos n'aquella enorme agglomeração de mausoleus de diferentes fórmas e tamanhos, quando uma senhora, vestida de preto, atravessou a rua fronteira e se dirigiu sem hesitar para um pequeno espaço de terra circuitado de uma elegante grade de ferro, junto á qual ajoelhou.

Impellido por uma irresistivel curiosidade, não podémos deixar de espreitar a joven que com tanto fervor orava pelo ser querido que a morte lhe arrebatara, e de contemplar aquelle verdadeiro quadro d'uma dôr tão intensa, que confrangia o coração e fazia saltar as lagrimas dos olhos.

Mas lembrando-nos de que outro fim nos conduzia ali, fomos cumprir a nossa missão, depois passeiámos por entre as campas de tantos milhares de filhos do povo, lendo aqui uma disparatada quadra, ali um grito de dôr, até que as trevas, começando a estender-se sobre a cidade, nos annunciaram que eram horas de partirmos.

Voltámos, e de mutuo accordo dirigimo nos para o sitio onde a joven ajoelhara, mas qual não foi o nosso assombro, quando a avistámos e ainda na mesma posição em que a deixáramos!

Lagrimas copiosas lhe corriam pelas faces, soluços entrecortados se ouviam de espaço a espaço, e o seu corpo todo, por vezes, estremecia como preso da mais intensa febre...

Subito, do lado do norte, atravessou o ar uma lingua de fogo, e um atroador trovão retumbou por sobre as nossas cabeças. Despertada do seu quasi sonho, por este intenso ruído e principalmente por umas grossas gotas de chuva que lhe fustigaram as faces, levantou-se e dirigiu-se para o portão de saída, não sem antes se voltar umas poucas de vezes e olhar com saudade para o terreno que lhe encobria o ente que parecia ter tanto amado.

Mal a joven se retirou, dirigimo-nos ao jazigo, alvo agora da nossa vehemente curiosidade.

Cobria o solo uma lapide de marmore, tão carregada de ramos e corôas de flores, umas já inteiramente seccas, outras ainda viçosas, que, para lermos o nome da pessoa que ali repousava, foi preciso debruçar-n'o-nos na grade e desviar as flores que completamente o encobriam.

Arthur Galvão, era tudo quanto estava gravado na pedra, e por mais que procurámos, não vimos nem uma data, nem uma pequena indicação que nos podesse elucidar. Nada, senão aquelle nome, que synthetisava de certo um doloroso e pungente drama de dôr. Mas qual?

E a mente, no seu louco devaneiar, perdia-se em mil e mil conjecturas, a qual mais diversa e disparatada...

Emquanto nos abrigavamos da chuva na casa do guarda, interrogamol o a respeito da mysteriosa senhora e do morto, que agora sabiamos chamar-se Arthur.

Disse-nos o homem que, haveria pouco mais ou menos uns tres mezes, tinha sido enterrado ali aquelle corpo, e pouco de-

pois principiava a vir todos os dias ao cemiterio a desconhecida a que nos referimos. O que sabia, apenas, é que nem os maiores frios, nem as mais terriveis tempestades a impediam de fazer a diaria visita.

Retirámo-nos intrigados, e durante algumas semanas ainda, via sempre ante mim a triste imagem d'aquella rapariga, mas pouco a pouco foi-se desvanecendo, e passado tempo já nem me lembrava sequer do caso do cemiterio.

Uns dois mezes depois d'este acontecimento, caminhava eu um dia pela rua de S. Lazaro, quando apressadamente passou junto a mim uma senhora vestida de luto, pallida, magra, de olhos encovados, com todos os signaes d'essa terrivel molestia a que dão o nome de tysica.

Impresionado por aquelle rosto cadaverico, que me recordava de já ter visto sem poder dizer onde, segui-a instinctivamente até ao Prado do Repouso, onde entrei após ella.

Então, lembrei-me do encontro que mezes antes alli tivera, e a curiosidade que por tanto tempo tinha estado adormecida, despertou mais forte e persistente.

Escondido entre os cyprestes, estive por muito tempo contemplando no vehemente orar aquella que tão depressa iria juntar-se aos que lhe eram caros, e durante semanas voltei muitas vezes ao cemiterio, á mesma hora, e sempre lá encontrava a mysteriosa desconhecida.

Dia a dia reconhecia os espantosos progressos que a doença fazia n'ella, e admirava a força de vontade que reagia contra a febre, subjugando a e obrigando-a a permittir aquella saudosa visita ao campo dos mortos.

Uma tarde faltou...

E na noite seguinte, o coveiro, ao lado da sepultura já tão minha conhecida, abria uma outra para a pobre e infeliz menina.

O seu padecer tivera um termo e Deus americiara-se d'aquella angustiosa e terrivel dôr...

Mas quem era a joven, e qual fôra o pungente drama que teve por desenlace os tão tristes goivos da morte? E' o que a leitora saberá, se se der ao trabalho de ler a veridica narração que se vae seguir.

## III

Arthur e Sophia viram-se orphãos quasi ao mesmo tempo. As mães eram iriãs e a mesma doença as victimára, a tysica fatal. Recolhidas pela avó, as creanças cresceram, vivendo n'uma doce confraternidade, adorando-se e querendo-se como irmãos. Sophia era mais nova que Arthur quatro annos, de modo que este, desde pequeno, habituara-se a ser o protector desvelado da prima, quer nos passeios, quer nos infantis brinquedos e nas correrias doidas atravez as tortuosas ruas da grande quinta, onde residiam. A idolatria entre os dois era tamanha que a todos causava espanto. Sophia chorava para ir para junto do primo, e Arthur só estava bem quando puxava o carro de Sophia atravez os meandros do jardim, ou com ella ao collo corria açodado até desfallecer sob aquella carga adorada, mas excessiva para a sua juvenil idade.

Quando a irmãinha, como elle lhe chamava, a colher um fructo ou uma rosa se feria por acaso nos espinhos do vegetal, Arthur, ao vér correr o sangue da pequenita, atirava-se furioso contra o arbusto causador do negro attentado, n'uma vingança feroz com que era o primeiro a soffrer, visto retirar-se quasi sempre da ingloria refrega cheio de arranhaduras e rasgões no rosto e no fato. Mas qual habil general que tivesse ganho a mais disputada batalha, ia então, cheio de gloria, pavonear-se ante a sua dama, que amplamente o recompensava com mil beijos e abraços.

Esta intimidade infantil desenvolveu-se com a idade, mas d'um modo bastante diverso. Emquanto Sophia se entregava toda ao affecto que lhe abrazava o coração, e só via ante si a imagem de Arthur, este, não cessando de a estimar, fugia áquellas confidencias, áquelles adoraveis colloquios em que as horas decorrem n'uma velocidade assombrosa sob a magica attracção do olhar d'uma mulher amada...

As longas tardes passadas junto da prima, auxiliando-a nos estudos, aquelles momentos em que ambos se quedavam n'uma adoração muda ante a querida avósinha, a santa velha que os contemplava com os olhos razos de lagrimas, e que os confundia no mesmo abraço, tinham para sempre desaparecido. Arthur trocára a companhia da familia pela dos amigos de collegio, entregando-se com o febril entusiasmo dos seus vinte annos a todos os divertimentos e gozos, na avidéz insaciavel de quem até então fôra embalado pelas meigas caricias femininas.

O affecto que sempre dedicára á prima, era pura e exclusivamente fraternal. Pugnaria por ella como por uma irmã, seria capaz de fazer os maiores sacrificios para a vér feliz, e nada mais. O seu coração, junto d'ella, não batera mais apressadamente, nem nunca sentira aquelle doce e vago enleio que nos arrebatava a um mundo desconhecido de sensações e gosos inexplicaveis e sobrenaturaes...

Se a via chorar, entristecia, mas não comprehendia a dôr da meiga companheira da sua infancia. Attribuia os pezares, de que elle era o unico auctor, a pequenos incommodos passageiros, sem valor nem consequencia. O coração de Arthur não batera até então por mulher alguma, nem mesmo conhecia o que era amor;





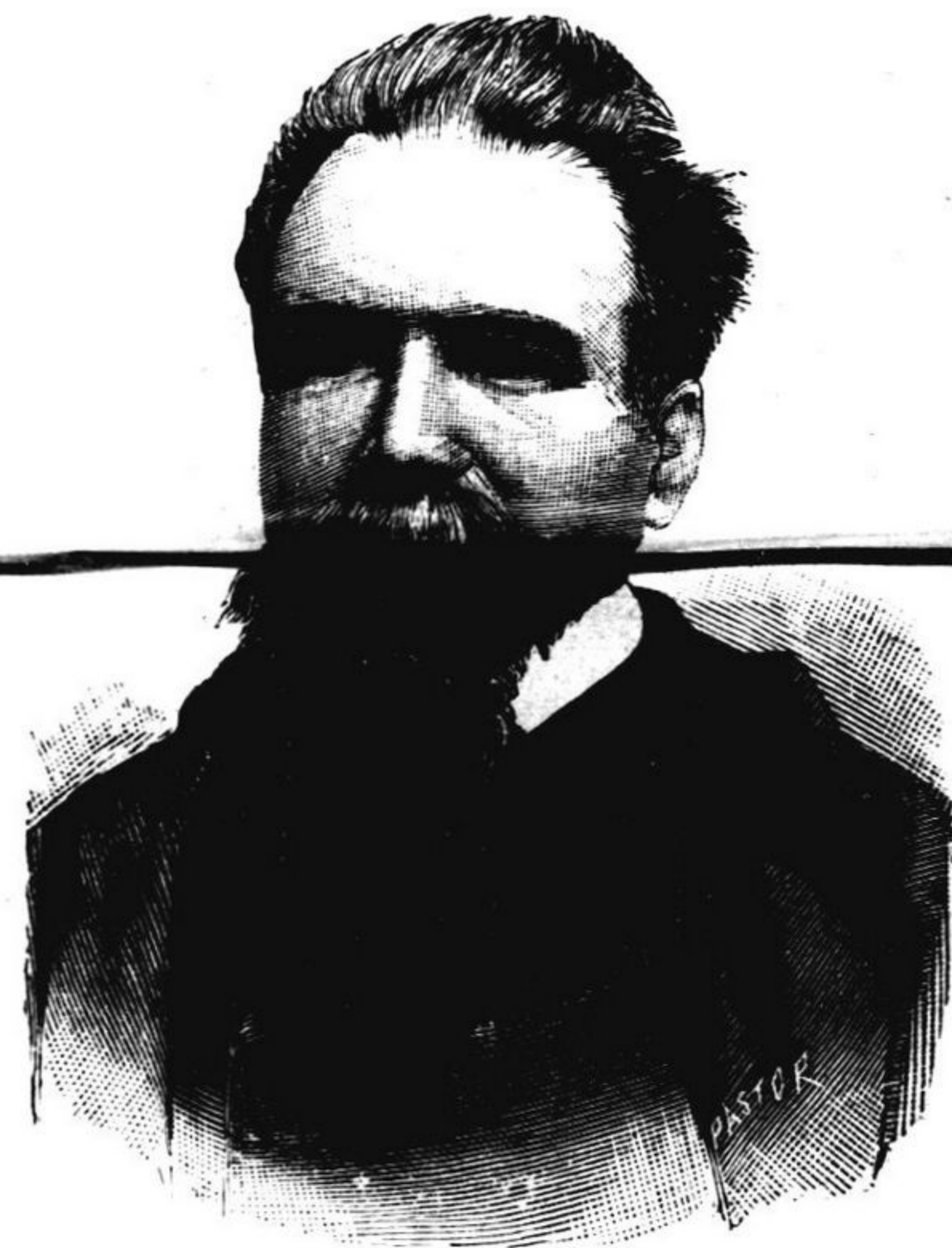
ANTONIO AUGUSTO D'AGUIAR



MR. HERSENT



ANTONIO MARIA DE FONTES PEREIRA LE MELLO



JOÃO VERISSIMO MENDES GUERREIRO



JULIO EMYGDIO NAVARRO

AS OBRAS DO PORTO DE LISBOA  
OS INICIADORES, O DIRECTOR E O EMPREITEIRO



os thesouros de affecto accumulavam-se-lhe na alma, e quando tivessem de ser patenteados seria n'uma explosão de sentimento, n'uma vertigem febril, louca, estonteadora e irresistivel.

E a crise, como não podia deixar de ser, deu-se um dia.

## IV

Foi n'uma tarde de Carnaval, n'uma terça feira de entrudo. Era então o jogo dos pés o divertimento favorito, que succedera aquellas sumptuosas cavalhadas onde a burguezia se pavoneava n'uma pose estudada, atravessando semsaboricamente a cidade boquiaberta, que de toda a parte corria na pasmeira indigena, a ver a «Entrada do rei Bobeche» ou a «Côrte da rainha do Congo.» O entrudo recobrára todas as suas passadas tradições alegres, loucas até, mas que deixam tantas recordações saudosas na vida entusiastica de rapaz!

Dos trens, das ruas, das praças, era um continuo tiroteio de cartuchos de pés para as janellas, onde as damas, n'uma alvura de tentar, sustentavam impavidas aquella guerra de nova especie.

Arthur, que n'um trem, em companhia de amigos, tinha atravessado triumphalmente a cidade, fazendo desapparecer ante si todas os combatentes das janellas, chegou à rua dos Clerigos onde a peleja era mais intensa e encarnçada.

N'uma janella achavam-se duas raparigas de uma belleza provocadora, que, cheias de orgulho, n'um entusiasmo heroico, resistiam a todos os ataques, a todo o fogo do inimigo.

Os rapazes pararam em frente d'ellas, e d'ahi a pouco retiravam por terem gasto as munições, mas ameaçando-as para breve com uma terrivel e cruel desforra.

Arthur, que até então esturdiára n'uma satisfação doida, caiu instantaneamente n'uma melancolia que nada era capaz de dissipar.

Os negros olhos de uma das denodadas batalhadoras, tinham n'o totalmente captivado, avassalando-lhe a alma n'uma paixão tão intensa como instantanea...

Deixou d'ahi a pouco os amigos e não mais abandonou aquella que lhe fizera pela vez primeira bater mais apressadamente o coração.

Passou o resto da tarde em passeios continuos por junto da casa onde a vira, acompanhou-a n'essa noite ao theatro de S. João, e durante diaz encontraram-se, por acaso, amiudadas vezes. Ella, que ao principio parecera insensivel aquellas adorações, correspondeu-lhe afinal, travando-se entre os dois assidua e apaixonada correspondencia. O affecto, contudo, era bem diverso de parte a parte. Ao passo que Arthur se entregava do coração, cegamente, á paixão que o dominara, ella tratava levianamente aquelles amores, não comprehendendo ou não querendo comprehendel-os séria e dignamente. Depois de alguns mezes, aborrecida de representar um papel superior ás suas forças, truceo o profundo amor de Arthur pelos cortejos d'um peralvilho qualquer, que a deslumbrara com o brilho dos seus vestuarios garridos e a tentara com as fascinadoras promessas d'uma fortuna enorme.

A volubilidade feminina, caçada de estar domina durante tanto tempo, retomou emfim o seu infernal imperio. Aquellas feições d'anjo, d'uma doçura celestial, encobriam uma alma negra e perversa, incapaz de conceber sentimentos nobres e puros. Arthur andou illudido durante alguns dias, mas quando reconheceu o ridiculo da sua posição, voltou-lhe as costas e não mais voltou um olhar sequer aquella que tão cruelmente o ludibriára. Mas o golpe soffrido foi profundo e intenso. Abandonou a convivencia dos amigos e ninguem mais o viu em passeio ou divertimento algum, indo curtir as maguas junto da avó e da prima, que receberam de braços abertos o foragido. Debalde, porém, pretendia desviar o pensamento d'aquella que tão infamemente o atraioára; debalde queria substituir a imagem que sempre tinha ante si, pela da prima, cujo character nobre e pureza de sentimentos, tarde, infelizmente para elle, começara a apreciar. Mas toda esta lucta, todos os soffrimentos e amarguras arruinaram-lhe a saude, fazendo-lhe apparecer os primeiros rebates do mal que já lhe tinha roubado precocemente seus paes. O medico, velho amigo da familia, aconselhou como remedio a mudança d'ares, uma viagem até á ilha da Madeira, onde poderiam passar o inverno. As distrações e a benignidade do clima eram, no entender d'elle, a unica coisa que poderia salvar Arthur. Mal indicada, foi logo approvada a ideia do doutor, e d'ahi a pouco, apoz uma feliz e rapida travessia, achavam-se todos n'uma alegre casinha bastante desviada da cidade do Funchal, cercada de arvores viridentes, que lhe davam uns tons risonhos, aromatizando tambem os ares com os suaves perfumes das suas ultimas flores.

(Conclu\*).

EDUARDO SEQUEIRA.

## CAMILLO CASTELLO BRANCO

(Apontamentos para a sua biographia)

(Continuado do numero anterior)

O sr. Antonio Candido:—Pedi a palavra para responder ao discurso do illustre deputado o sr. Simões Ferreira.

Declaro que me custa muito ter de me levantar para contrariar as considerações feitas por um cavalheiro, que respeito, e tem a sua inscripção no mesmo partido a que me honro de pertencer; mas a minha posição relativamente ao projecto que se discute obriga-me a este sacrificio

Nas poucas cousas, que vou dizer, saberei guardar a attitudie conveniente ao decoro d'esta camara e ás relações que prendem dois homens, que embora discordantes no assumpto de que se trata, militam contudo sob a mesma bandeira e pelo mesmo programma politico.

Quando assignei o projecto que se discute, não me passava pela idéa que alguém, n'esta casa, o viesse contestar! (Apoiados.) Não me enganei muito, porque, segundo me parece, a maioria d'esta camara, está disposta a votal-o; (Apoiados.) em todo o caso, sinto-me magoado vendo que a approvação d'este projecto não tem a unanimidade que era de esperar para gloria do grande escriptor e honra do parlamento portuguez. (Apoiados.)

O sr. Simões Ferreira, terminou o seu discurso dizendo que não era justo, nem digno, nem decoroso, que se fizesse a Camillo Castello Branco um favor de dinheiro!

Não sei dizer a má impressão que me fez i t ! Tão má... que não quero responder a esta parte do seu discurso!

Respeitando a intenção dos que firmaram este projecto de lei, e a consciencia e dignidade do nosso glorioso romancista, não levanto este argumento, (Apoiados) parecendo-me impossivel que alguém desconheça a verdadeira significação d'este projecto, que visa sómente a assignalar e distinguir a mercê regia conferida ao homem que hoje preside, gloriosamente e incontestadamente, á arte e á litteratura d'este paiz! (Muitos apoiados.)

E' isto o que se infere do relatorio; foi isto o que eu disse quando, na apresentação d'este projecto, me levantei para o acompanhar de algumas palavras minhas.

E com relação a este argumento apresentado pelo sr. Simões Ferreira, argumento que não quero reproduzir textualmente, nem mais uma phrase direi.

Ponderou mais o illustre deputado, combatendo o projecto, que não havia precedente algum n'este sentido, não se tendo feito cousa semelhante ou parecida a Almeida Garrett, a Castilho ou a Alexandre Herculano. E, pelo modo porque fallou, viu-se que o sr. Simões Ferreira ligava grande importancia a esta consideração... Pois não devia ligar lh'a. Este argumento não é tão infeliz como o outro, mas, logicamente, não vale mais...

Se se tivesse aqui apresentado um projecto de lei como este com relação a qualquer d'esses escriptores a que s. ex.\* se referiu, e se esse projecto tivesse sido rejeitado, isso ainda poderia, até certo ponto, servir ao illustre deputado; mas tal facto não se deu.

Depois, é preciso ponderar que as homenagens aos grandes homens não podem ser iguaes em toda a parte, nem em todos os tempos; essas homenagens variam por mil razões, dependem de mil circumstancias, que quasi nunca se repetem, e nunca o que se faz a um magôa ou desconsidera a susceptibilidade ou a memoria de outros a que se não fez o mesmo. (Apoiados.)

Na sessão de 1880, quando se discutia o orçamento geral do estado, porque n'esse tempo ainda se discutiu o orçamento geral do estado, tive a honra de apresentar aqui uma proposta, para que da verba relativa á conservação dos monumentos publicos, se distrahissem a quantia de réis, 10:000\$000 destinados ao monumento de Alexandre Herculano, e ninguem se levantou para dizer que tal proposta não devia ser approvada pelo facto de não termos feito exactamente o mesmo, com relação ao visconde de Almeida Garrett, a cujo altissimo merecimento ia bem, decerto, uma distincção igual!

A memoria de Balsac não está offendida pelas exequias de Victor Hugo, ha pouco celebradas, por essa manifestação extraordinaria, mystica e pagã, de um espiritualismo surprehendente n'este ullimo periodo, positivo e triste, do nosso seculo! (Muitos apoiados.)

O sr. Simões Ferreira disse ainda que o parlamento não era uma academia, e que só as academias podiam decretar corôas e conferir diplomas a homens como Camillo Castello Branco!

Sem fazer offensa ao nobre deputado, julgo que não tem a mais perfeita comprehensão da politica, como ella é hoje entendida, e que restringe indevidamente, a missão do pensamento muito mais complexa do que se lhe affigura.

A politica é a synthese definitiva e pratica de toda a vida nacional, e, portanto, abrange e consubstancia em si, todos os interesses moraes e materiaes do paiz; o parlamento é a sua função essencial, e nada do que respeita á justiça, á arte, á moralidade, ao trabalho, á consagração da gloria lhe pôde ser estranho. (Muitos apoiados.)

Mas a votação d'este projecto fica como um precedente perigoso?

Não fica, não.

Estabelece-se o precedente, mas não ha perigo.

Os precedentes são invocados em hypotheses iguaes.

Oxalá que esta hypothese se repita.

E se apparecerem homens como Camillo Castello Branco; se, por felicidade da nossa terra, florescerem ahi outros espiritos d'aquella grandeza; se a fecundidade intellectual do nosso paiz pro-



duzir ainda escriptores de raça como elle é, se a montanha que elle subiu laboriosamente até se firmar no ponto culminante e glorioso, onde o contempla o amor e a admiração de nacionaes e estranhos, fôr vencida por outros, se houver ahí a premiar um trabalho como o seu, indefesso, prodigioso de tenacidade e de prestimo, levado ao excesso de lhe sacrificar a vista e de lhe exhaurir a vida, se isto succeder, os nossos successores politicos não terão escrúpulo de apresentar este precedente, e nós, os que o estabelecemos agora, teremos praticado um bom acto, cuja justiça se repercutirá no futuro. (*Muitos e repetidos apoiados*)

Vozes:—Muito bem, muito bem.

O sr. Azevedo Castello Branco—Peço a V. Ex.<sup>a</sup> que me reserve a palavra para quando terminar a discussão d'este projecto.

O sr. Simões Ferreira:—Não esperava, sr. presidente, que a simples manifestação do meu voto levantasse discussão. Parecia-me melhor que a não levantasse. Um voto de mais ou de menos não influe, agora, na resolução a tomar.

Tenho toda a certeza de que este projecto não será rejeitado pela camara, mas, tendo dito um meu prezadissimo collega e amigo, homem que estimo e que é uma das mais robustas intelligencias do meu paiz, que eu não comprehendia o alcance do projecto, preciso de accentuar com mais firmeza e inteira clareza o meu pensamento.

Ha pouco foram aqui apresentadas umas moções para que o parlamento portuguez inscrevesse na acta das suas sessões um voto de sentimento pela morte de um dos vultos mais brilhantes da França. (*Apoiados.*)

N essa occasião quasi todos os meus collegas abandonaram esta sala, conservando se apenas presentes os auctores das propostas e aquelles que as apoiavam. (*Apoiados.*)

Eu fui dos que ficaram.

Perguntando-se a razão porque não havia vontade de votar essas propostas, disse se que o parlamento não era o lugar para se apreciar o merecimento litterario de ninguem.

Vejo que a maioria está hoje disposta a fazer exactamente o contrario do que sustentou entao. (*Apoiados.*)

E' ou não o parlamento o lugar competente para aquilatar o merecimento litterario de qualquer individualidade, nascida n'este ou n'aquelle lugar?

Se muito bem cabida era a distincção que nós faziamos a Victor Hugo, porque eu não conheço no seculo actual homem cujos escriptos abrangam horisontes tão largos sob o ponto de vista, não só litterario, mas social e humanitario, já não tenho igual opinião a respeito de Camillo Castello Branco, cujos escriptos não visaram nunca a levantar o espirito publico, propagando as grandes idéas, ou os grandes sentimentos que nobilitam os homens e a sociedade. Os seus escriptos têm muito merecimento, mas merecimento restrictamente litterario.

Pergunto a mim mesmo, na serenidade da minha consciencia, se, dos livros que Camillo Castello Branco tem escripto, alguns d'elles tem concorrido para levantar o espirito ou o sentimento nacional, e a consciencia responde-me que, pelo contrario, elles não tem concorrido senão para infundir a tristeza e o desalento.

A mim tem-me succedido, e não sei o que succede aos outros, que ao ler um livro d'este escriptor, alias bem escripto, me sinto tão desalentado, e, deixem-m'o dizer, tão aborrecido, que o fecho e largo com a tenção formada de nunca mais o abrir.

Eu prefiro o escriptor cujos livros deixem uma boa impressão a quem os ler.

Será opinião unica, mas é a minha e antiga.

Por isso, entre os livros de Camillo Castello Branco e os de Julio Diniz, prefiro estes, porque dispõem melhor a alma do povo, dando-lhe impressões serenas e boas. Sem comparar meritos litterarios, tenho por superiores, socialmente fallando, os de Julio Diniz.

E entendo que o parlamento, como representante da sociedade civil e politica, só deve apreciar os livros e os escriptores sob este ponto de vista. O merito litterario que o apreciem as academias.

Por isso neguei e nego o meu voto ao projecto, não por que não seja muito o merito litterario dos livros de Camillo Castello Branco, merito que não aprecio aqui, nem deprimio em cousa nenhuma, mas porque esses livros não tem valor social de tal modo notavel e proeminente, que explique e justifique o precedente que vae abrir-se em nome da sociedade.

Pelo contrario, os livros de Camillo Castello Branco, se alguma influencia têm exercido na sociedade portugueza, é uma influencia deprimente e demolidora. São livros para destruir, não são livros para edificar ou engrandecer.

E nada mais digo, sr. presidente, para não dizer muito ao mais que sinto. Não me propuz combater o projecto, mas só pensei em manifestar o meu voto. A camara tomará a resolução que tiver por mais justa e mais sensata, ou a que mais se combinar com o seu modo de ver as cousas e as pessoas, e a opinião do paiz nos julgará a todos. Eu cumpro o meu dever como o entendo, e a camara procederá como quizer, no pleno uso do seu direito de resolver. Respeito a opinião de todos, mas não estou obrigado a segui-la, quando é opposta á minha propria opinião.

E nada mais direi sobre o assumpto

(*Continúa.*)

ALBERTO PIMENTEL

## AS NOSSAS GRAVURAS

LUIZ MAZZANTINI

Conforme é sabido, este afamado *espada* hespanhol acaba de exhibir-se na Praça do Campo de Sant'Anna, toureando em uma festa de caridade.

No dizer dos entendidos, é um artista extraordinario Mazzantini enthusiasinou o nosso publico, passando de *muleta* e de *copote* seis toiros, com graça e arte inexcediveis, pondo bellos pares de bandarilhas com muita elegancia e perfeição desusada, e simulando a sorte de morte por uma forma magisral.

Mazzantini tem 31 annos apenas, é filho de pae italiano e de mãe hespanhola, e nasceu em Elgoibar, cidade da provincia de Guipuzcoa.

Segundo contam varios biographos, o notavel *diestro* recebeu uma educação esmerada, e em 1875 conquistou o grau de bacharel.

N'aquelle mesmo anno, entrou como factor telegraphista na companhia dos caminhos de ferro do sul, em Hespanha, passando em 1880 para a de Ciudad-Real a Badjoz, onde foi chefe de diferentes estações, até ao mez de maio do mesmo anno.

Quiz ser actor, mas renunciou a similhante proposito por um motivo qualquer, que ignoramos.

Decidiu-se de uma vez a seguir a arte tauromachica, e sendo chefe da estação de Santa Otalla, ia presidir ás corridas de touros.

Transferido para a estação central de Madrid, ahí o seu enthusiasmo pela arte subiu de ponto, custando-lhe repetidas reprehensões do chefe as ausencias ao serviço que constantemente dava.

As repetidas faltas á repartição obrigaram-n'o a mudar de mister e a envergar o fato de toureiro.

A 5 de dezembro de 1880 apresentou-se Mazzantini pela primeira vez em Madrid, n'uma tourada de novillos em que devia pôr bandarilhas e matar.

Teve um successo.

Mazzantini foi o primeiro que, apesar da lei Grammont, obteve auctorisação para matar touros, durante a estação balnear, em Cauterets, Nimes e varias cidades da França, sendo em toda a parte objecto dos mais delirantes enthusiasmos.

Durante o inverno de 1882-1883, lidou touros nas arenas de Montevideu, e soube ali captar as sympathias geraes pela sua apparencia agradável e pelas suas maneiras distinctas.

O principal merito d'este notavel *espada*, dizem, consiste na coragem e nos meios de que dispõe. Tem intelligencia finissima, boa figura e muita força muscular; fatiga o touro, domina-o, mercê do seu sangue frio, e mata-o ordinariamente a pouca distancia. Os seus innumeraveis successos deve-os certamente a esta ultima qualidade, muito rara de encontrar entre os *espadas* de segunda cathegoria.

Mazzantini offereceu-se para vir a Portugal trabalhar todos os annos, sempre que se trate de uma festa de beneficencia.

### O CEMITERIO DA TRANSFIGURAÇÃO, PERTO DE MOSCOW

Fóra de Moscow, a 10 kilometros, pouco mais ou menos, da porta Santa, e perto d'um pantano, ha um campo, em que se vé um grande numero de tumulos; allí repousam os restos de muitos infelizes, victimados pela peste ha longos annos. O terreno está fechado por uma paliçada e por um muro. Junto da segunda d'estas defezas ergue-se um hospital e um convento, um á esquerda e outro á direita. Um immenso vestibulo, construido com materiaes tirados d'edificios mais antigos e ornado com formosas pinturas, abre-se deante do visitante.

Este cemiterio tira o nome de *Preobradjenski* (Transfiguração) da aldeia visinha. Quando a peste de 1770 assolou o paiz, era uma charneca, e os habitantes de Moscow levavam para allí os seus mortos, atiravam-n'os para umas vallas e pouca terra lhes lançavam em cima. Campeando mais ferozmente a peste, a pri-





MODAS



meira auctoridade da aldeia obteve da imperatriz Catharina a auctorisação de edificar n'aquelle terreno um estabelecimento, onde os cadaveres fossem sujeitos ás prescripções que a sciencia d'então ordenava, evitando assim as imprudencias, que o medo fazia commetter. O edificio foi construido entre as fileiras das covas. Onze annos mais tarde (1781) um fabricante de t'jollo, de Moscow, Elias Kovielin, fundou n'este mesmo lugar, ao lado dos tumulos, uma egreja, um convento para homens e outro para mulheres.

#### AS OBRAS DO PORTO DE LISBOA

##### OS INICIADORES, O DIRECTOR E O EMPREITEIRO

Publicamos hoje no nosso semanario os retratos dos tres ministros que ligaram o seu nome ao importante melhoramento das obras do porto de Lisboa, ha dias inauguradas, bem como o do director das referidas obras, sr. Mendes Guerreiro, e o do sr. Hersent, empreiteiro.

Como se sabe, foi o fallecido conselheiro Antonio Augusto de Aguiar que, gerindo a pasta das obras publicas, sob a presidencia de Fontes Pereira de Mello, apresentou ás camaras o projecto para as obras do porto de Lisboa, cuja iniciativa inicial havia partido do sr. Lourenço de Carvalho.

Levantaram-se algumas reclamações por parte do corpo commercial, e foi preciso attender a essas reclamações no interesse da classe reclamante, o que equivale a dizer que o projecto teve de ficar pendente enquanto se procurava conciliar todos os interesses e se estudava, sob o ponto de vista financeiro, o «modus faciendi» para facilitar a execução de tão grandioso empreendimento.

Quando o projecto entrou em discussão, geria Fontes Pereira de Mello, interinamente, a pasta das obras publicas.

Foi esse eminente homem de estado que, depois de ter conseguido aplanar todas as difficuldades, sustentou na tribuna parlamentar, de que era um dos maiores ornamentos, o projecto apresentado, sob sua responsabilidade politica, pelo seu antecessor na gerencia d'aquella pasta.

As circumstancias politicas fizeram com que fosse o sr. Emydio Navarro o ministro das obras publicas que tinha de pôr a concurso a obra dos melhoramentos do porto de Lisboa e de assistir á sua inauguração. Cabe-lhe essa gloria não pequena.

O sr. Mendes Guerreiro, director das obras do porto de Lisboa, é um antigo engenheiro muito illustrado, muito distincto e muito considerado.

Por alguns annos esteve ao serviço da firma constructora Cail & Compagnie, entrando depois ao serviço do ministerio das obras publicas, desempenhando varias commissões importantes, taes como a de director das obras publicas do districto de Portalegre.

O sr. Mendes Guerreiro foi sempre um dos mais strenuos advogados da construção de dockas e caes acostaveis em frente da cidade, á imitação das obras de Antuerpia, que o illustre engenheiro visitou, e cujo pensamento por assim dizer transplantou para o nosso porto.

Nomeado director das obras, é actualmente o fiscal do governo junto da empresa constructora.

Mr. Hersent é o empreiteiro das obras do nosso porto.

E' já conhecido como um empreiteiro audaz, experimentado em construcções de grandes obras, como por exemplo as do porto de Antuerpia, que tomara a seu cargo e realisara.

#### MODAS

Descreveremos hoje ás nossas leitoras duas *toilettes* modernissimas, a segunda das quaes verãõ reproduzida no figurino do nosso jornal.

1.º «Vestido para passeio» em lã cinzenta lisa, e lã escossez cinzenta e escarlate. Primeira saia armada em pregas largas, cortada por uma grande quilha escossez. Uma «draperie» cinzenta, franzida á roda da cintura, vem apanhar a um lado, presa por uma «agrafe» de passamanaria, e fórma atraz «cascade». Corpete «plastron» abotoado ao lado com grandes botões, e guarnecido com largos rebuços muito abertos em cima, deixando ver um collete escossez, igual á quilha. Mangas lisas, com canhões escossez.

2.º «Corpete de panno» muito justo, (é este o que encontrarão no presente numero) fechado e abotoado até á cintura. Mangas lisas. Guarnição de astrakan cinzenta, na gola descaida e nos canhões. Regalo igual, farrado de setim cinzento, que se prolonga na parte da frente, servindo de ninho a uma ave de phantasia. Pequena «toque» de setim cinzento rufada, guarnecida de astra-

kan cinzenta, e enfeitada no alto da copa e a um lado com duas aves de phantasia.

#### VILLA VIÇOSA

Villa Viçosa é uma formosa e bem situada povoação, na nossa provincia do Alemtejo, a quatro leguas de Elvas, e a oito, pouco mais ou menos, de Evora.

A data da sua fundação foi objecto dos eruditissimos trabalhos de varios escriptores nossos, e alguns asseveraram que remontava ao anno 350 antes de Christo, concluindo-se que os cartaginezes a haviam edificado. André de Rezende, aliás o mais sabio e sincero dos nossos archeologos, dá conta de todos os argumentos, que se apresentam pró e contra aquella opinião. O que, porém, não admite duvida, é que Villa Viçosa recebeu foral de D. Affonso III, a 5 de junho de 1270. No reinado de D. Affonso V foi esta villa erigida em marquezado, a favor de D. Fernando, filho segundo do primeiro duque de Bragança, e seu successor nos seus estados. Desde então continuou n'esta familia, e quando D. João foi elevado ao throno, em 1640, passaram todos os seus bens a constituir a casa chamada do Infantado, ou de Bragança, a qual pertence aos primogenitos da corõa, que usam tambem do titulo de duques de Bragança.

Havia em Villa Viçosa, antes da extincção total das ordens religiosas, sete conventos. O de Nossa Senhora da Graça, dos eremitas de Santo Agostinho, fundado em 1267, e reedificado pelo famoso condestavel D. Nuno Alvares Pereira, onde existem os mausoléos dos primeiros duques de Bragança; o de Nossa Senhora do Amparo; S. João Evang-lista; Nossa Senhora da Esperança; Chagas; Santa Cruz, e Santo Antonio dos Capuchos.

A fortificação de Villa Viçosa mereceu muita attenção nos primeiros tempos da monarchia, sendo D. Diniz quem mandou levantar o seu castello, obra que se conserva ainda no estado em que a nossa estampa a representa. Mais recentemente foi accrescentada a primitiva fortificação, com varias obras de defeza, que hoje se acham, como se acha tudo na nossa terra, em ruinas.

O palacio ducal é a coisa de mais valia que existe em Villa Viçosa, com quanto toda a villa não seja das mais pobres em antigualhas.

Passou-se n'este palacio um drama tenebroso, que é a pagina ensanguentada da chronica dos duques de Bragança.

D. Jayme, unico do nome, e quarto na serie d'estes duques, era casado com D. Leonor de Mendonça, filha dos opulentos duques de Medina Sidonia. No fim de dez annos de matrimonio, um dia foi o duque avisado de que, alta noite, costumava entrar um homem moço nos quartos da duqueza, subindo a uma das janellas do lado do jardim. Na noite d'esse dia foi o infeliz surpreendido, depois de transpôr a janella, e immediatamente caiu morto aos pés do duque.

Cego pelo ciume, D. Jayme entra em seguida, furioso, no quarto de sua esposa, manda ao seu capellão que a confesse, no fim do que, surdo ás vozes da infeliz, que protestava a sua innocencia, arranca-lhe a vida a golpes de punhal.

Soube-se mais tarde que as visitas de Antonio Alcoforado, que assim se chamava o mancebo, eram para uma das damas da duqueza! Esta tragedia teve logar no noite de 2 de novembro de 1512. D. Leonor de Mendonça ficou commemorada na villa pelo epitheto de *duqueza santa*.

Proximo d'esta villa, nos seus deliciosos arredores, deu-se, em 1665, a formidavel batalha de Montes-Claros, entre portuguezes e castelhanos, commandando aquelles o justamente celebre marquez de Marialva, que saiu victorioso, ficando, do inimigo, tres a quatro mil homens no campo, e seis mil prisioneiros.

Sem que possa dizer-se que Villa Viçosa é uma povoação pobre e insignificante, é comtudo certo que não ha ali nem grandes nem pequenas manufacturas, e, por consequencia, o seu movimento industrial e commercial é quasi nullo.

## EM FAMILIA

(PASSATEMPOS)

### Charadas

Ao Ex.<sup>mo</sup> Sr. J. Rodrigues F.

O limite todos temos em nós—2—2.

Temos uma cavidade no cimo das costas—1—2.

A rocha suspende o navio—2—1.

Deus está no inferno com todos os diabos—1—3.

A arvore pode ser condemnada por este animal—2—1.

Leiria

APRENDIZ CHARADISTA.



Se charadinha qualquer,  
Quer.  
Uma, já, aqui lhe aprompto,  
Prompto

Mas, se ao ser clara se atem,  
Tem,  
Que ás ideias, outro andar  
D.r.

Permitta, amigo, lh'affirme,  
Firmel  
Que hade ter quem o contestal  
Esta. - 2

Ai—Amor, a quanto obrigas!  
Brigas.  
Esta dá, em muito caso,  
Aso. - 2

Na ultima, se conserva.  
Erva,  
Cujo nome é... Isso, agora!  
Ora...

**Logogripho**

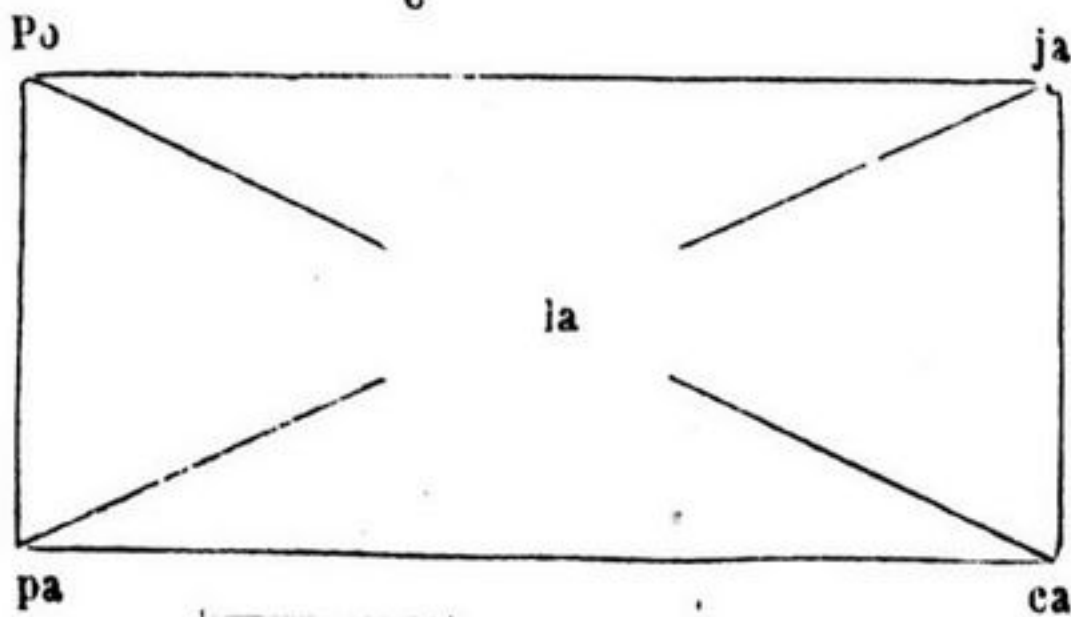
Um certo piegas—3, 6, 3, 6, 4  
M'ço 'inda, eil-o aqui—5, 2, 1, 1, 4, 4  
Com bello petisco—5, 6, 1, 6, 4  
N'uma loja vi.—3, 6, 5, 1, 6, 4

Eu logo entristeço,  
E a chorar começo  
No instante que a vejo...  
Creia, não lhe minto,  
E ao dizer lh'o... sinto  
D'isso, muito pejo.

MATHEUS JUNIOR.

**Decifrações**

DAS CHARADAS:  
A  
a m a  
a t i r o  
a m i z a d e  
a r a m e  
o d e  
e



ces	tos
tos	tão

DO LOGOGRIPHO:—Cachibó.  
DO ENIGMA:—Sola

**A RIR**

- Morreu o X.
- Pobre rapaz!
- Perdeu o paiz uma grande intelligencia.
- Isso era o menos. O que me faz ter pena, é que perdi os jantares que elle dava ás quintas e domingos!

Perguntaram a um velho burguez a razão porque não ia a S. Carlos.  
—Está se ali muito mal assentado, respondeu elle. E' impossivel dormir commodamente nos fauteuils.

**UM CONSELHO POR SEMANA**

**AGUA PARA TIRAR NOEAS**

Sabão branco ralado, 120 grammas; soda, 32 grammas. Dissolvem-se em 1:000 grammas d'agua morna e junta-se-lhe: fel de boi purificado, 25 grammas; essencia de lavande, uma gotta.  
Escova-se o tecido, e lava-se em seguida com agua morna.

**O PALACIO DA D. HELENA**

Tudo era grande, imponente e austero em casa da D. Helena, desde o exterior do palacio, mixto de quartel e de convento, com singular quantidade de janellas, frias, severas, hermeticamente fechadas, até ao cano do fogão de ferro preto fundido, preso por fóra da fachada até ao telhado, como um nariz enorme na physionomia burgueza d'aquella casa apalaçada—casa em que se sentia, atravez da rude epiderme de alvenaria, os centos de contos de réis, amontoados nas burras, por successivas gerações de usurarios.

As grandes arvores do parque inclinavam-se gravemente, como que saudando espiritos invisiveis e irritaveis de velhos gottosos e asperos.

Uma gradaria pesada, suffocante, intrincada de ornatos e segura, defendia, como um baluarte, o parque, da via publica.

O silencio das necropoles pairava, como a aza lugubre de um corvo, por cima de todo aquelle *ensemble* urbano; e isto, durante todo o santissimo anno, sempre!

Nem os risos da primavera, nem os calcinantes calores do estio, nem as serenidades do outono, nem os furacões do inverno poderam alterar jámais o viver intimo d'aquelle velho palacio burguez, onde a D. Helena pontificava no meio da sua cõrte archeologica, constituida de velhos conegos, cheios d'odio ao *existente*; antigos desembargadores, cheios de odes anacreonticas; velhos juizes de fóra, sentenciosos e tabaqueiros, e espevitadas beatas, eternamente azedas contra a sociedade que se divertia, emquanto ellas e elles se encerravam no circulo intransigente dos preconceitos e das evocações bolorentas.

Tal era o aspecto exterior da casa da D. Helena, viuva do façanhudo migelista A... .

Tinha a D. Helena perto de 90 annos, e havia cerca de 60 que a moderna sociedade michaelense não penetrava nos seus salões, desde que morrera o marido.

E as riquezas amontoavam se de dia para dia nas profundas burras do escriptorio, onde escripturarios de cabellos brancos já sabiam de cór todo o archivo das *emphyteuses*.

Os criados tambem eram todos velhos e silenciosos como se fossem de pedra.

Tinha a D. Helena só um herdeiro, o bisneto Arthur, que estava a educar em Lisboa, n'um collegio de jesuitas. Era anemico como o pae e como o avô, que haviam fallecido tísicos, e tinha todos os defeitos das organizações doentias.

D'elle se podia dizer que tinha a estroinice intuitiva. Não tinha liberdade, mas sabia-se rico e reservava-se, para quando fosse maior, fazer das suas. Era muito vigiado e isso irritava-o, mas, digno discipulo de jesuitas, sabia esperar.

Ligara-se estreitamente com um condiscipulo, mais velho do que elle, pobre, mas alma damnada de hypocrisia, que lhe deu lições de mestre para enganar os prefeitos e criados.

Por fim, chegaram a comprar o guarda portão e saiam de noite. E não havia estroinice que não praticassem. Cada um d'elles adquiriu uma amante barata.

N'isto, o paquete das ilhas trouxe, um bello dia, a nova re-tumbante de haver fallecido a funebre D. Helena, sem testamento. Logo, estava «*ipso facto*» o Arthur seu herdeiro universal.

Os jesuitas logo o rodearam de atencões servis, e adivinhando que elle não teria muitos annos de vida, pensaram em o fazer professar na ordem, pelos meos secretos de que dispõem. Mas o Gomes, condiscipulo do Arthur, não dormia e adivinhou os planos dos jesuitas. O pae d'elle era um advogado habil, que se tinha filiado na ordem, por especulação e falta de meos. O Gomes expoz-lhe a situação e resolveram ambos libertar o Arthur.

O advogado partiu para a ilha, munido de uma rogatoria do Arthur, pedindo ao curador dos orphãos a sua emancipação. Foi-lhe ella outorgada, e na volta do paquete regressou o advogado a Lisboa e apresentou-se no collegio, munido de uma procuração geral, que o filho levou ao Arthur para assignar.

Tudo isto foi levado a cabo com tal segredo, que nem mesmo os jesuitas suspeitaram da viagem do advogado á ilha.

No dia seguinte, apresentou-se o pae do Gomes no collegio. Ia n'um trem, acompanhado de um commissario de policia.

Os dois estudantes, prevenidos, já estavam d'atalaia.  
Pedi o advogado para fallar ao director, mas como este estivesse ausente, expoz ao sub-director a situação, mostrando-lhe



todos os documentos que provavam a emancipação do rapaz. E reclamou a presença d'elle.

Vio o astuto padre que lhe fugia o chão de sob os pés, e respondeu promptamente que o estudante não estava no edificio.

—Então, aonde se acha n'este momento?

—Na nossa casa de campo, respondeu o jesuita com a maior audacia.

—E meu filho?

—Tambem não está cá.

—Bem.

E o advogado, dirigindo-se para a porta do gabinete, no meio do espanto do jesuita, abriu-a, e dando um passo para fóra, chamou com força pelo filho e pelo Arthur.

Estes, que estavam escondidos a distancia, n'um quarto, appareceram immediatamente.

O jesuita, apanhado então em flagrante crime de beatissima péta, curvou-se humildemente segundo os mais correctos preceitos de Loyola e exclamou para o advogado:

—Os meninos não podem acompanhar v. ex.ª.

—Porque? interrogou este com altivez.

—Porque não está cá o director, e só elle é que auctorisa a saída definitiva dos alumnos.

seu cliente, requisitou a minha comparencia para elle sair d'esta casa, com receio d'alguma violencia. Vejo com satisfação que não será preciso intervir a policia para restituir este cidadão á sua liberdade.

O jesuita tornou-se livido, pensou um minuto e respondeu:

—Póde sair o sr. Arthur.

—E tambem o meu filho, accrescentou o advogado.

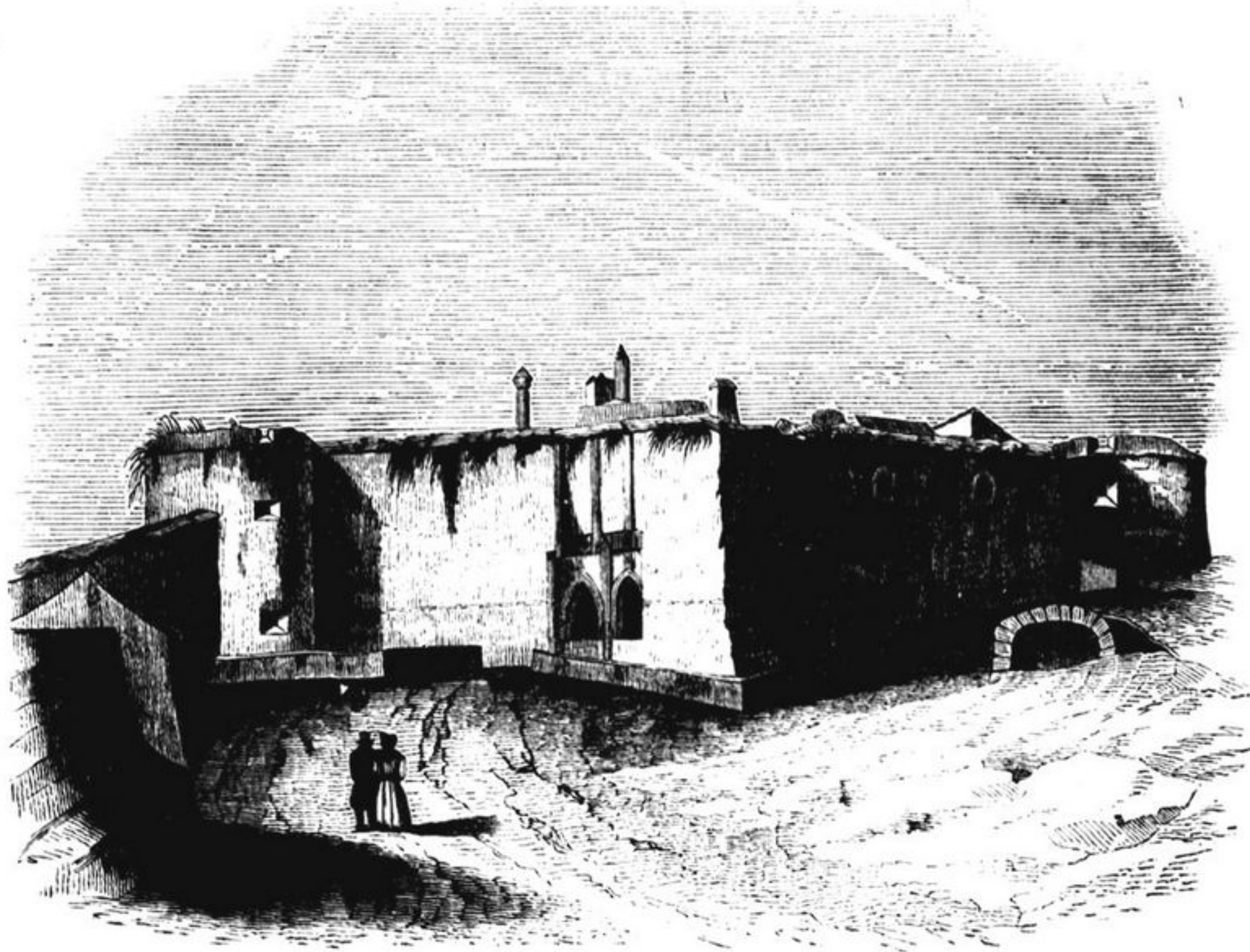
E levou ambos os collegiaes, loucos de alegria.

Quinze dias depois, aportavam á ilha o advogado, a sua familia e o Arthur.

O advogado apoderou-se da administração da casa, e as suas quatro filhas e a esposa apossaram-se do velho palacio da D. Helena, que repartiram entre si e o Arthur. Este, na inseparavel companhia do Gomes, não fazia senão loucuras, de parceria com as duas sevilhanas que tinham levado como amantes.

O que produziu mais sensação, porém, foi a abertura, para todo o mundo, do sombrio palacio, que duas gerações extinctas, nunca lograram penetrar. Os moveis, os quadros, a sua disposição rocóco excitavam as gargalhadas dos convidados dos brodios do Arthur, o que escandalisava extraordinariamente os velhos criados.

Apesar da fortuna ser grande, foi rapidamente dissipada pela



VILLA VICOSA

—Pois sinto bastante, respondeu o advogado, mas como lhe disse, o sr. Arthur já está emancipado e portanto é senhor absoluto de sua pessoa e bens, e ninguem tem poder de o deter contra sua vontade n'esta casa.

—Mas elle ainda não manifestou desejo de sair! Desde que v. ex.ª o chamou ainda não abriu a bocca.

—Por esse lado, esteja descançado. Interrogo-o mesmo diante de vossa reverendissima.

E voltando-se para o Arthur, perguntou-lhe:

—E' de sua vontade sahir d'aqui?

—Immediatamente! respondeu este.

O jesuita teve um imperceptivel estremecimento de colera, e observou:

—Não póde sair, sem ter regressado do campo o nosso director.

O advogado, com um sorriso mordaz, observou tambem ao jesuita:

—Já tinha previsto isso: e na qualidade de procurador geral do sr. Arthur, requisitei o auxilio do sr. commissario de policia, que é este cavalheiro que me acompanha, para vir commigo e poder desfazer qualquer velleidade de resistencia da parte dos dignos padres...

O jesuita, muito surpreendido, voltou-se para o commissario.

—E' verdade, disse este com finura, o sr. doutor, a pedido do

familia Gomes e pelo Arthur. Os juro de trinta por cento, o jogo as mulheres e as festas, queimaram tudo. Chegou um dia em que houve um arresto em toda a mobilia do palacio. N'outro dia, o soberbo predio foi á praça em virtude de uma exeeção do Banco Hypothecario.

Então o advogado, não tendo mais que devorar, voltou com a familia para Lisboa; e o Arthur, depois de arrastar por alguns mezes uma existencia miseravel, foi morrer tísico a um quarto particular do hospital.

Foram os velhos creados da avó, que o sustentaram e lhe fizeram o enterro. Foram ainda elles os unicos amigos que acompanharam o brilhante Arthur á sua ultima morada.

Hoje, o palacio da D. Helena, pelo qual o povo passava com o supersticioso respeito que tem pelo desconhecido, é a séde de uma sociedade de recreio artistico, com a sua competente philarmonica e os seus interminaveis ensaios. Pelo carnaval, ha *bal masqué*, e pelo S. João, baile campestre no parque.

JOSÉ MARIA DA COSTA.

Administração—Travessa da Queimada, 35, 1.º, Lisboa

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artstica